

# Revista de Ensino de Geografia

ISSN 2179-4510

[www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br](http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br)

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

## RESENHA



GRAVATÁ, André *et al.* **Volta ao mundo em 13 escolas: sinais do futuro no presente.** São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. 288p.

Rafael Aparecido Gonçalves Xavier<sup>1</sup>

*Volta ao mundo em 13 escolas* é um projeto do coletivo Educ-Ação que vai mostrar o sonho de Eduardo Shimahara (Shima), juntamente com André Gravata, Camila Piza e Carla Mayumi, em compreender a educação contemporânea ao redor do mundo. Ao todo, foram

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia e Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [rafaelgx.nutri@gmail.com](mailto:rafaelgx.nutri@gmail.com)

visitadas 13 escolas distribuídas por nove países sendo eles por sua vez em Cinco continentes diferentes.

A ideia surge com *Shima*, que se pergunta se é possível existir um método de ensino além do conhecido tradicional. Essa ideia é incorporada por seus amigos que se juntam nessa empreitada de visitar várias escolas espalhadas pelo mundo a fim de compreender o método educacional vigente. Para isso o critério utilizado para seleção das escolas foi a diversidade. Passam cinco dias em cada escola para entender seu funcionamento e ações sejam de professores, estudantes ou até mesmo dos pais.

Quanto aos questionamentos propostos, percebe-se uma necessidade de inserção de um novo método prático-pedagógico na educação tradicional. “*E se a educação formal e informal andassem de mãos dadas? [...] E se as relações entre professores e alunos não fossem tão hierárquicas? [...] E se você pensasse nos seus próprios ‘e se...’? (p. 14)*”. Esses e outros questionamentos presentes no livro possuem uma nota de educação construtiva em seu tom.

O livro é composto por 12 capítulos, sendo cada um relacionado a uma escola visitada com exceção do capítulo 2 que trata-se de duas escolas. Os países visitados são: Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Suécia, Argentina, Índia, África do Sul, Indonésia e o Brasil, país de origem. Interessante notar como o livro está distribuído, “*a ordem dos capítulos segue a distribuição geográfica das escolas, de continente em continente*” (p. 16). Cada autor cria seu próprio roteiro, dando sua contribuição pessoal ao livro. Além dos roteiros já citados, o leitor ainda tem a opção de seguir a leitura por temas. Isso torna o texto agradável a todos os gostos, não sendo necessário começar da primeira página e seguir capítulo a capítulo.

As escolas visitadas foram as seguintes: Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), Campo Limpo, Capão Redondo, em São Paulo; Amorim Lima e Politeia, São Paulo; Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) Belo Horizonte, Minas Gerais; Escuelas Experimentales, Província da Terra do Fogo, Argentina; Quest to Learn, Nova York, Estados Unidos; North Star Massachusetts, Estados Unidos; Youth Initiative Program (YIP), Järna, Suécia; Team Academy, País Basco, Espanha; Schumacher College, Devon, Inglaterra; Sustainability Institute, Stellenbosch, África do Sul; Riverside School, Gujarat, Índia; Green School, Bali, Indonésia.

Cada escola visitada, independente do país apresenta uma característica ímpar que merecia ser compartilhada. No caso do CIEJA (SP) é preciso destacar o carinho com os estudantes que desejaram retornar aos estudos depois de ter abandonado, ou interrompido por algum motivo sua vida escolar. “*Sua vida se transformou [...] Hoje, ele está aprendendo a*

ler, em um ambiente que o acolheu. Esse local reconheceu nele a capacidade de desenvolver autonomia (p. 33)”.

A escola acaba se tornando mais do que um local de ensino, passa a ser um lugar (e aqui se emprega o conceito geográfico da palavra) de recolhimento, de afeto, quase um lar. Na North Star vemos isso com uma frase de Isabel, aluna da escola: “*Amo o fato de este lugar parecer uma casa, e não uma escola. Hoje é meu primeiro dia aqui, e já me sinto bem-vinda*” (p. 117). São pontos comuns entre escolas que se diferem em países, mas que possuem esse mesmo modo de acolhimento, e não de um depósito de pessoas.

Vários outros pontos podem ser destacados no CIEJA, como a autonomia dos estudantes em organizar propostas em prol de seu bairro, a quantidade de estudantes com deficiências ou limitações físicas bem como são atendidos e a organização das matérias aplicadas utilizando a multidisciplinaridade e o cotidiano dos próprios estudantes para exemplificar o enunciado, fazendo com que esses encontrem utilidade para aquilo que estão aprendendo.

Além do espaço escolar e seu cotidiano, é preciso entender os estudantes. Para isso deve-se dar liberdade para que o discente escolha o caminho que quer seguir, além do básico alcançado em sala de aula. Exemplo disso são as escolas Amorim e Politeia, “*consideradas escolas democráticas, pois ambas valorizam a capacidade de escolha do aluno, seja para construir o caminho curricular das aulas, seja para elaborar e repensar as diretrizes da escola*”. (p. 46).

Nota-se como elementos que vão desde o espaço físico (da cor da parede até grades nos muros) - que merece atenção para um melhor desempenho dos estudantes – até as diferenças que não são compreendidas pela comunidade são aglutinadores para o conhecimento a ser construído. Assim como a disparidade entre chefe e líder, notamos a comparação entre “professor” e “educador” vinda da comunidade: “*Tião exercitava um dos seus aprendizados mais preciosos: a diferença entre professor e educador. ‘Professor é aquele que ensina, educador é aquele que aprende’. [...] Que aprende com a comunidade local. Que aprende com o aluno*”. (p. 68).

Nessas escolas observa-se a paciência e a atenção com os saberes populares, sobretudo no dos estudantes. Os dons artísticos, que são tratados normalmente por má conduta pelas escolas tradicionais, também são notados e aprimorados.

O livro trás em meio aos capítulos um fato, uma atividade, algo que seja como uma marca registrada de cada escola, em uma página destacada. Por exemplo, o “Biscoito Escrevido” do CPCD ou as Intervenções Coletivas no CIEJA.

Métodos diferenciados são utilizados para o aprendizado dos estudantes. É preciso criatividade para elaborar atividades que auxiliem os estudantes a estudar sem que isso se torne algo desagradável. Exemplo disso, e que por sinal se faz fascinante pela sua criatividade e simplicidade, ocorre na escola Green School, em uma atividade de inglês

que continha as opções A, B, C, D e E, sendo que a opção E era seguida não por uma frase assertiva, mas por um desafio: pense em uma solução diferente. - Ninguém escolhia a opção E. Agora [...] os alunos se sentem mais livres para sugerir uma [...] avaliação que funciona do ponto de vista deles. (p. 220)

Algo tão notável deveria estar presente em todos os meios de avaliação pelo mundo todo, pois oferece a oportunidade do estudante dizer seu ponto de vista em relação ao assunto.

Percebe-se sempre que o rompimento com a escola tradicional parte de uma pessoa ou um grupo que questiona se aquele modo de ensino é eficiente. “[...] *Josh e Ken despediram-se da escola na qual lecionavam e deram forma a um sonho: a criação de um programa que oferece suporte a estudantes que desejam uma opção ao ensino tradicional.* (p. 120)”. Isso, de certa forma mostra a força que cada indivíduo possui ao embarcar nessa empreitada que é o rompimento com o tradicional. Outro modo de fazer isso é quebrando alguns tabus em relação a funções exercidas, rompendo com hierarquias, como é o caso do homem que varria a calçada no Schumacher College. “*O homem com a vassoura [...] é conhecido como Jon. Seu cargo: diretor da faculdade. Independentemente da função, todos participam da limpeza. Enquanto limpam, aprendem a importância de cuidar do espaço*”. (p. 170).

Atitudes como essa trás dois sentimentos opostos quando observada: O primeiro é a da decepção na surpresa com uma atitude assim, uma vez que não é de costume estar presente a esse tipo de conduta, seja pelo diretor da escola, seja pelos próprios professores. A segunda é a de perceber que se pode fazer algo a mais do que lecionar, ser mais humano com as outras pessoas. Isso também é romper com o tradicional que já está praticamente impregnado em nosso modo de vida.

Os capítulos finais são separados em duas partes. O primeiro traz seis convidados a refletirem sobre como é a educação que temos e qual é a educação que devemos alcançar. Cada um dos integrantes faz uma análise de experiências vividas e objetivos a alcançar. Como no relato de José Pacheco, que questiona instigadoramente os estudantes, forçando-os a buscar respostas e, portanto a estudarem, porém, de forma prazerosa.

Nas conclusões, os autores trazem o relato de experiência do que foi essa viagem e essa aprendizagem para cada um deles. Para um professor de Geografia, mais do que nunca, é

preciso ter a clareza de que o relato de uma viagem vai trazer o mínimo do que realmente se passou nessa empreitada. Nenhum texto, nenhuma imagem, nenhum relato, pode ser comparado à percepção dos sentidos e à prática daqueles que realmente foram a campo e puderam vivenciar aquilo.

Essa obra, elaborada como um registro de viagem, faz pensar naquilo que é realmente importante de se ensinar nas escolas. Não do conteúdo programado, verticalizado, imposto a repassar aos estudantes, mas sim aquilo que lhes é importante para a vida. E o que é importante deve ser reforçado, de modo que os estudantes aprendam a lidar com esses assuntos quando chegar o momento.

Recebido em 24/07/2019.

Aceito em 25/09/2019.